

III Congresso Internacional e V Nacional Nacional Africanidades e Brasilidades em Educação 23, 24 e 25 de novembro de 2020 Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguística.

O COLONIALISMO E SEUS DESFAZIMENTOS PELAS PERSONAGENS FEMININAS EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*

Katria Gabrieli Fagundes Galassi¹

Resumo

Na obra de Paulina Chiziane *O Alegre Canto da Perdiz* as personagens se destacam pelas rupturas que produzem ao longo da obra, a partir das quais novas narrativas se formam e novas histórias se entrelaçam ou se desfazem. Com enfoque em Delfina, esse trabalho propõe analisar sua trajetória como mãe, filha e esposa numa terra colonizada por portugueses que, no ventre da terra e no ventre dessa mulher, deixaram marcas eternizadas. O corpo feminino pode ser apresentado como objeto de transgressão e aversão às regras impostas pelos colonizadores numa terra que se apaga nas tradições a partir da chegada de uma cultura europeizada, mas que resiste a isso por meio dos saberes ancestrais nas figuras do pai de Delfina, do pai espiritual de seu marido José e do curandeiro Simba. Por outro lado, Serafina, mãe de Delfina, sabe do fardo que sua cor carrega nessa terra onde a força branca prevalece e é ela quem desnuda essa realidade para sua filha: “Não sonhes alto que te magoas. Ah, Delfina! Para nós, negras, sonhar alto é proibido.” (CHIZIANE, 2018, p. 79). O trabalho se desenvolverá junto às teorias de Frantz Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas* e Aimé Césaire em *Discurso sobre o Colonialismo*, porém outros textos que forem pertinentes também comporão a teoria.

Palavras-chave: Ancestralidade, Decolonialidade, Racialidade.

¹ Mestre em Estudos de Linguagens pela UFMS/ UFES/ katriagabiletras@hotmail.com

Devido à matrifocalidade de muitos sistemas familiares africanos, a mãe é opivô em torno do qual as relações familiares são delineadas e organizadas. (OYEWÙMÍ, 2019, p. 178)

Maria das Dores é filha de Delfina e José dos Montes, negros moçambicanos, e tem uma trajetória marcada por muita dor, pois “quando uma criança nasce de mãe e pai negros, o fator de maior importância é a cor da pele, depois o gênero, porque a raça e o gênero irão determinar o destino dessa criança.” (hooks, 2019, p. 17). A cor nessa história traçada por Paulina Chiziane será uma orientadora para os percalços que acontecerão com as personagens femininas e isso será determinado pela mãe central das tramas, a partir do ponto de vista abordado nesse artigo, Delfina. A filha negra surge na obra já na primeira página, nas águas do rio Licungo, como uma escultura maconde, que pode ser feita de madeira da árvore chamada pau-preto ou de palha, como as cestas feitas na Tanzânia. A escultura pode representar o demônio, a família ou a religiosidade, dependendo do seu propósito. Aos olhos daquelas mulheres Das Dores certamente estaria representando o demônio, a julgar pelos olhares quando a encontraram, pois estava despida de roupas e passado e transpunha os limites ousando estar no lado do rio onde apenas os homens poderiam se sentar. Sua aparição causa grande alvoroço, já que ela surge bela, “negra, tão negra como as esculturas de pau-preto. Negra pura, tatuada, no ventre, nas coxas, nos ombros. Nua, assim, completa. Ancas. Cintura. Umbigo. Ventre. Mamilos. Ombros. Tudo à mostra.” (CHIZIANE, 2018, p. 7). As notícias desse distante povoado não passavam de pequenezas mundanas, do dia a dia. Mas o surgimento daquela visão, tão inesperado, só poderia ser sinal de mau presságio, presságio de tempestade, do desaparecimento de algum tipo de animal, um verdadeiro escândalo o qual as mulheres da comunidade não tolerariam permitir nas suas águas calmas. A relação forte com as águas, que tudo leva, para onde deseja, trouxe Das Dores para aquele leito de rio, desconhecido para ela.

Ela é solitária. Exilada. Estrangeira. Surgiu do nada na solidão das águas do rio. Vindo de lugar nenhum. Os seus pés parecem ter percorrido todo o universo polo a polo. Parece que nasceu ali, gêmea das águas, das ervas, do milho e das árvores dos mangais. A vegetação pariu um ser. (CHIZIANE, 2018, p. 9-10)

Das Dores, nesse momento de reencontro consigo mesma, após ter sido notada por aquelas mulheres, parece despertar de um sonho onde estava imersa e, na sua nudez pura e despretensiosa, apresenta-se integrada àquela natureza. Ela, que estava só, era “[...] a heroína do dia. Protegida na fortaleza do rio. Num tronco de água. Que venceu um exército de mulheres e colocou desordem na moral pública. Que desafiou os hábitos da terra e conspurcou o santuário dos homens.” (CHIZIANE, 2018, p. 12). Surge, então, um monólogo proferido por essa mulher, no qual a principal busca apresenta-se na figura da mãe. As dores de Maria das Dores saem em palavras mansas, leves, carregadas pela dor de um ser quase inconsciente, sem lugar, “à busca de um tesouro” (CHIZIANE, 2018, p. 9). Esse monólogo com/sobre a mãe perdida está na origem de tudo, num momento anterior a qualquer caminhada:

Ah, minha mãe, eis-me aqui à beira do caminho. Ao lado do vento amigo. Na margem de um rio desconhecido. Perseguida por mulheres tristes. Naqueles gritos ouvi também o teu grito, minha mãe. Mãe, estavas naquele grupo? Por que será que não te vi? Por que não me mostraste o teu rosto, mãe? Eras tu, sim, naquele grupo de fantasmas, lançavas zumbidos nos meus ouvidos como um enxame de vespas. Eras tu e o teu grupo de fantasmas, querendo atingir-me, magoar-me, escondidas para desferirem sobre mim os seus golpes de raiva, mas não conseguiram, eu fui protegida pelas águas. Porque sou filha da água. Será que estou nua, mãe? A nudez que elas viam não é a minha, é a delas. Dizem que não vejo nada e enganam-se. Cegas são elas. Gritam sobre mim e sua própria desgraça, e me chamam louca. Mas loucas são elas,

prisioneiras, cobertas de mil peças de roupas como cascas de uma cebola. Com o calor que faz.

Já não sei bem de onde vim, nem para onde vou. Por vezes sinto que nunca nasci. Estarei ainda no teu ventre, minha mãe? Todos perguntam de onde venho. Querem saber o que sou, porque nada sou. (CHIZIANE, 2018, p. 13)

Esse monólogo dilacera o peito do leitor que vê ali uma busca por significados que há muito foram perdidos ou que nem sequer existiram. Juliano Garcia Pessanha, em seu livro *Recusa do não lugar*, fala sobre a mãe e o ventre, afirmando que o nascer no mundo não acontece quando a filha sai do ventre da mãe, mas quando o ser se integra e participa das relações feitas no mundo.

O adentramento no mundo não coincide com o nascimento biológico, mas tem a ver com a participação em relações de proximidade no interior de receptáculos autogerados.

[...] o menino oco, desfilado e sem apoio, terá de enraizar-se ou ancorar-se mimeticamente a partir dos meios de comunicação e, com esse tipo de organização, encobrir o buraco do *self* negativo. As crianças ocas, em sua grande loucura branca, [...] existem sem o mergulho no sim e no aquietamento. Quem nasce para fora fica detido em uma chegada permanente. Fica refém no aí de uma inicialidade sem-fim. Quem nasce para fora anota a própria irrupção enigmática no mundo. Não consegue esquecer-se do evento de estar sempre chegando num lugar para o qual não adentra. (PESSANHA, 2019, p. 75-76)

Como afirma Pessanha, não é possível tornar-se inteiro tendo dentro do *self* negativo, que é estar sem raízes, sem quietude, com faltas que dificilmente serão supridas por alguém que não saiu totalmente do ventre da mãe, que não aprendeu compor-se em sentimentos para obter a completude ou não obteve a benção que apenas a figura materna é capaz de dar. Maria das Dores nunca saiu verdadeiramente do ventre da mãe. Ela foi apresentada ao mundo com um

nome que, pode-se dizer, prenunciava seu destino de *criança oca*, tal como cunha Pessanha (2019). A descoberta do nascimento da primeira filha, fruto daquele amor-casamento que foi feito para matar a paixão, nunca foi recebido verdadeiramente com alegria. Delfina nomeia a criança com nome de uma artista de fotonovela, com nome de branco, pois “as pretas gostam de nomes simples. Joana, Lucrecia. Carlota. Maria das Dores é um nome belíssimo, mas triste. Reflete o cotidiano das mulheres e dos negros.” (CHIZIANE, 2018, p. 12), porém Delfina, por achá-lo bonito, não se preocupa com as evidências que surgem. Das Dores percorreu todos os caminhos possíveis para encontrar-se, fazer-se nascer como filha, mulher, mãe. Mas jamais conseguiu adentrar em lugar nenhum. O pai de Delfina, avô da criança, sabe que o nome carregará um fardo inevitável e anuncia suas percepções, já que a filha recusa fazer a cerimônia dos nomes, *mukhuto*, que avisa aos mortos, seus ancestrais, o novo nascimento:

Maria das Dores, bonitinha, como a tua mãe. O que trazes no punho fechado? Dores ou alegrias? Tens dedinhos compridos como ganchos. Parece até que o teu destino é segurar as presas. Serás tu uma feiticeira ou uma mineira esgaravatando a terra? Tens olhos grandes, espertos. Para quê? Para fugir do predador? Pé grande, pé de viajante! Até parece que o teu destino será caminhar pelos vales, pelas montanhas, pela terra inteira, para embalar as dores, oh pequenina! Esta mãe louca um dia hipotecará a tua vida e te arrastará por caminhos de dor, ah, Maria das Dores! (CHIZIANE, 2018, p. 152)

Esse sábio avô premoniza exatamente o percurso de dificuldades pelas quais passará nessa vida, palavras sábias de quem muito viu e viveu e conhece os caminhos e desejos da própria filha. Ele insiste no assunto, pois sabe que a loucura da filha não cessará, o inverno se aproxima e, com ele, a noite sem fim. Ele sabe que “doloroso é o caminho dos negros. Doloroso é o destino que *[Delfina]*desenhas para esta criança.” (CHIZIANE, 2018, p. 153). A construção de futuro ideal para Delfina sempre esteve relacionado ao que ela via nas famílias brancas, ao que eles construíram, independentemente do que

precisou ser feito para que alcançassem as suas glórias, mesmo se chicoteavam e matavam seus irmãos negros, “a vida dos brancos é fantástica.” (CHIZIANE, 2018, p. 73) Ela jurava que seu destino seria o mesmo das sinhás, colonizadoras de sua vida, apesar de preta! Seu pensamento vai muito além: ela pretenderia ter criados pretos como ela para servi-la e filhas mulatas de cabelos lisos. Também seu destino foi, desde muito cedo, de dor e submissão. Também sua mãe Serafina vendeu seu corpo de menina a um branco em troca de chá e açúcar. Seu destino fora forjado em sedução e prazeres em troca de pequenezas e moedas para comprar seus lu(i)xos materiais. Ela sabe que sua trajetória será amarga. Ela sofre por detrás das roupas e apetrechos que envolvem seu jovem corpo, virgem ainda da maternidade:

Meu Deus, essa gente não sabe o que diz. Finjo, por orgulho, que sou feliz. É por orgulho que lanço ao mundo este olhar de rainha. Cada homem que me sobe é uma pá de terra que me cobre. Cada moeda que recebo é uma picada na alma, dói. Não se pode ser uma boa moça num mundo de injustiça. Numa luta desigual, vale mais a pena a rendição que a resistência. O que querem eles de mim? Que me levante ao cantar do galo para ir semear arroz? Que me entregue nas plantações de palmeiras como escrava, para receber no fim da canseira uma chávena de sal? Não! Prefiro oferecer as doçuras do meu corpo aos marinheiros e ganhar moedas para alimentar a ilusão de cada dia. A natureza deu-me um celeiro no fundo do meu corpo. Uma mina de ouro. (CHIZIANE, 2018, p. 77)

Delfina rechaça a ideia de fazer parte das *plantations* e submeter-se aos mandos do colonizador. Arar a terra, semear, colher e repassar tudo ao colonizador sem usufruir de nada daquilo não faz parte dos almejos da protagonista. O sistema estrutural implantado goela abaixo aos negros, subalternos, desprovidos de habilidades além de curvar-se ao seu senhor, não fazia parte do que ela queria. É importante frisar que o sistema de *plantations* foi, segundo Grada Kilomba em *Memórias da Plantação*:

(...) um sistema de exploração colonial utilizado entre os séculos XV e XIX, principalmente nas colônias europeias nas Américas, que consistia em quatro características principais: grandes latifúndios, monocultura, trabalho escravizado e exportação para a metrópole. Esse sistema criava ainda uma estrutura social de dominação centrada na figura do proprietário do latifúndio, o senhor, que controlava tudo e todas/os ao seu redor. (KILOMBA, 2019, p. 29)

Estava claro que Delfina não se interessava em estar completamente subjugada, aomesmo papel em que muitas irmãs, negras, se encontravam. Viver nos campos de plantação, longe dos holofotes e das possibilidades que ela acreditava ter para mudar de vida não a representava. Ela também busca em Serafina, sua mãe, o alento para suas dores e cansaços do espírito. A mãe sabe bem dessas dores e confessa que tem as suas próprias, mesmo que frequentemente tente escondê-las: “ah, se eu pudesse abrir o meu peito e mostrar a ferida que tenho por dentro. Ser negro é doloroso. Negro não tem Deus nem pátria.” (CHIZIANE, 2018, p. 78). Mesmo não tendo sido ensinada a voar, pois “só sai do abismo quem sabe voar. As mães deviam iniciar os filhos a navegar no voo do espírito, deixar a mente vaguear nas nuvens.” (CHIZIANE, 2018, p. 78) a filha de Serafinagarante que, um dia, irá voar para longe e terá o mundo na palma de suas mãos. A afirmação da dor de ser racializada e das consequências que isso traz nascem junto com a criança negra, principalmente se ela for a criança-oca que Pessanha (2019) sugere, como Delfina e Das Dores. A mãe, também não deu direcionamento ideal àquela filha, tão negra: “... por que me fez assim tão escura?” (CHIZIANE, 2018, p. 80), pergunta Delfina sobre sua própria sorte. SerafinaTambém não concordou com a escolha de marido da filha, pois esperava que a filha melhorasse sua raça casando-se com um branco. Ela também se rendeu ao amor por um negro, de sua mesma cor, forjando o futuro da filha em direção ao sofrimento, pois como ela mesma afirma, para as “negras, sonhar alto é proibido”. (CHIZIANE, 2018, p.79) Para Serafina, ver a filha seguindo a sua mesma sorte traz um sentimento de leve arrependimento e rechaço e por si própria. Uma história que não será abençoada pela mãe nem por seus ancestrais. Tudo o que a filha de

Serafina ouviu no seu passado, sobre a impureza da raça negra, a necessidade de ela evoluir sua cor para aquilo que os colonizados impuseram como padrão único e aceito, ela tratará de repetir. A descrença em sua raça era tanta que, como meio de sabotar esse destino injusto, exige ao seu marido, José dos Montes, para tornar-se um assimilado. Ele trabalharia junto aos brancos, aprenderia dos seus saberes, receberia uma alta recompensa para espionar os rebeldes negros, seus próprios irmãos, teria uma casa, comeria das comidas dos portugueses, comprariam boas roupas, abdicariam das suas crenças, assimilariam uma nova cultura e religiosidade.

Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritude, seu mato, mais branco será. No Exército colonial, (...) os oficiais nativos são, antes de mais nada, intérpretes. Servem para transmitir as ordens do senhor aos seus congêneres, desfrutando por isso de uma certa honorabilidade. (FANON, 2008, p. 34)

Os esforços desse homem negro para agradar seu grande amor valeram enquanto as fantasias de Delfina foram atendidas. Roupas novas, nova casa, novo status, azeitonas amargas, bacalhau, tremoço. Sua cultura ia ficando para trás à medida que incorporavam as regras brancas. A tradição na qual foram formados esvaia-se. Mas a cada nova pequena conquista, Delfina exigia uma nova demanda, tinha um novo desejo e uma nova ambição. Jamais estaria perfeito. Mesmo José dos Montes tendo entrado para o “exército da traição e da morte” (CHIZIANE, 2018, p.119), tendo tornado inimigo de si próprio, de espingarda nas mãos para reprimir os seus irmãos negros, Delfina queria mais. Queria embranquecer sua família, o destino dos seus descendentes e, principalmente, o seu próprio. Enquanto José esteve fora de casa para guerrear a guerra do seu inimigo, Delfina procurou driblar seu destino e, na ausência dele, fez um segundo filho com um branco. O desfecho de seu destino, já premeditado por Moyo, pai espiritual, José dos Montes e quem o criou desde a infância, começava a ser confirmado.

Vejo-a. É muito bela, muito linda, é aquela nuvem branca, não vê? E vem ao teu encontro, sorrindo, caminhando descalça no campo de flores. Agora vejo-te ao lado dela, a tua imagem é branca, mas tem mudanças rápidas. Pareces um monte, um planalto, um abismo. Escureces como a tempestade dos séculos, és chuva e tormenta. A tua voz fúnebre ouve-se num abismo intransponível. Por quê? A tua imagem desaparece no escuro. A mulher dança nua, ao sol e à lua. Vejo-a. Vejo-me. Que faço eu na tua estrada?

Os joelhos de Moyo tremem. No rosto a mudança de humor e uma pergunta de espanto:

- José dos Montes, quem és tu? (CHIZIANE, 2018, p. 70)

Tudo o que os dois pais – de Delfina e de José – previram, acabou por acontecer eventualmente. As dores sentidas outrora, ao proferirem tais sinas, são sentidas ao longo de toda narrativa, pois os atos dessas duas personagens desenlaçarão tudo o que se segue na vida daqueles que os rodeiam. O ambicionado embranquecimento foi forçado pelas mãos de Delfina e veio ao mundo pelo seu ventre. As palavras de Moyo, pai morto pelo próprio filho sipaio em seu momento de maior loucura, e suas profecias se concretizam:

As profecias de Moyo predizendo que o mundo da hierarquia será epidérmico: branco em cima, mulato no meio, e o negro na cauda da História. Quando o branco partir, o mulato assumirá o comando. Depois da independência, ainda veremos o mulato na liberdade das ruas. Na montra. No aquário de um prostíbulo. No corredor de um avião. Hospedeira. Quer chá, quer café? No balcão de um barco. Contabilista, economista. Na *passerelle* das misses, porque só será bela a que herdar a tez dos marinheiros. Não precisará de muita labuta para ser gente, para ter bom emprego, boa casa, boa vida, porque o poder é a sua herança. O negro, duro como o coco, terá o seu lugar privilegiado no barco no barro dos montes, na carga, na cozinha. Para aliviar o negro da sua pele como quem alivia as roupas de luto. A independência virá um dia, mas serão ainda precisas mil e uma revoluções por séculos e séculos. O negro

terá que vencer todas para restaurar o equilíbrio do mundo.
(CHIZIANE, 2018, p. 182)

As palavras de Moyo reverberam as chagas que marcam essas vidas na eterna escravidão. Mesmo após a abolição e a independência, a posição subalternizada do negro se manterá subjugada. Mesmo assim, a esposa de José segue com seu projeto de embranquecer sua prole e, assim, forjará o destino cruel de Maria das Dores. A preferência pelos outros filhos, de pai branco, deixará claro o lugar destinado à filha negra, de mãe e pai negros. Com o casamento com José estilhado, sua esposa busca nova vida. Quer que sua mina de ouro, Soares, se prenda ao seu destino. Quer magia de negro em pele do branco. Quer colocar em prática uma das coisas mais rechaçadas pelos brancos: a curandeirice. Simba, o curandeiro e também amante de Delfina, será requisitado por duas vezes. Na primeira vez, ganhará, em troca dos bons resultados, uma casa. Na segunda vez, nada do que a mãe de Maria das Dores possui atrai o curandeiro e, num momento do seu ápice de loucura, ela oferece a virgindade de Maria das Dores. Ela repetirá aquilo que sua mãe, Serafina, fez a ela na sua juventude: trocou a virgindade da filha por comida e café. A cena causa muita indignação por ser inesperado ver como a loucura chega às palavras da filha de Serafina que não acredita mais haver qualquer tipo de alegria que não seja vinda dos brancos. Seu branco, aquele que lhe deu filhos mulatos, partiu de volta a Lisboa, como faziam outros portugueses após a independência de Moçambique.

- Dou-te a virgindade da minha filha.

- O quê? És capaz?

A resposta dói, por isso não diz nada. Porque não é fácil entregar a própria filha a um bruxo que também é seu amante. Sente nojo de si própria. E jura que esse ato, se for consumado, deverá ser rápido. Pouco tempo e pronto.

Mas ela esquece que a fração de segundo é a marca mais importante do tempo. Um segundo dura uma explosão. Um sismo. Uma bala detonada. A queda de um raio. A gestação de um novo ser.

- Tens coragem, Delfina?

- Eu?

(...)

Simba calculara tudo. Maria das Dores, essa doce pequena, não é apenas a mulher, mas a herdeira de quatro casas de arrendamento na cidade alta, muitas terras e uma parada de palmeiras desfilando até ao horizonte. Tê-la nas mãos significa uma vida nova.

(...)

Delfina parte. O coração diz-lhe que ama aquela filha mais do que nunca, depois de tanto desprezá-la e humilhá-la. Promete a si mesma protegê-la depois de selar o pacto. (CHIZIANE, 2008, p. 241-242)

Delfina percebe, de imediato, o destino que forja para sua primogênita. Mas não dimensiona as reais consequências que essa decisão terá em sua vida. Maria das Dores, desde que seus irmãos mulatos nasceram, passou a ser renegada e servir de ajuda nas lidas da casa, enquanto seus irmãos mestiços estudavam, brincavam ou apuravam sua pronúncia no português correto. Das Dores cuidava dos irmãos com todo amor, apesar de ser sempre deixada de lado. A relação entre serva e senhora já começava dentro de casa, pois Delfina fazia questão de colocar seus filhos em lugar diferente. Ela replicava aquilo que ela via acontecer a sua volta e que, num sonho impossível, desejava para si e seus filhos: uma vida dos brancos, de excessos e serviços; de bajulações e submissões. Delfina queria considerar a si própria como a negra embranquecida que fora escolhida por Soares, o rico branco português. Porém, já se sabia que a distância entre as duas raças era real, pois apesar da mãe daquele lar racializado ter um relacionamento com um branco, uma casa e providências mensais fornecidas por ele, ela jamais foi considerada a mulher principal, sequer foi levada a sério, para além das barreiras daquele lar.

Embora isso nunca fosse discutido, era evidente, na vida cotidiana, que barreiras sólidas separavam os dois grupos, tornando impossível uma amizade íntima. O ponto de contato entre as negras e brancas era a relação serva-senhora, uma relação hierárquica baseada no poder e não mediada pelo

desejo sexual. As negras eram as servas e as brancas, as senhoras. (...) até a branca pobre que jamais teria condições de contratar uma empregada negra afirmaria, em seus encontros com mulheres negras, uma presença dominadora. (hooks, 2017, p. 128)

Adequando ao contexto moçambicano do período entre o fim do colonialismo e o início do período de independência, a fala de hooks é contemplada nesse lar matriarcal. Maria Jacinta, a irmã mais nova e mulata de Maria das Dores, descobriu sobre raça pela primeira vez quando foi renegada pelo próprio pai em frente aos amigos brancos. Outra vez foi quando passeava com o avô preto e ele apanhou de um guarda branco que duvidou do parentesco do velho com a neta. Ela via a irmã sem cor nos olhos, pois os laços de amor se formaram antes da racialização que passou a conhecer tão de perto. Amava a irmã que

(...) fazia os penteados mais fantásticos e lhe contava histórias ao adormecer. Viviam sob o mesmo teto, dormiam no mesmo quarto, mas a mãe separava os pratos, os copos, os talheres. Ela questionava-se sem saber se estes momentos a perseguiria a vida inteira. Era estranho viver na casa de todas as raças. (CHIZIANE, 2018, p. 246)

Mas a verdade é que esses momentos perseguiriam eternamente a irmã preta. Ela carregaria as dores da sua cor, o rechaço de sua mãe. Ela e o irmão Zezinho poderiam sumir da vida sem causar saudades à mãe, Maria Jacinta e Luisinho bastariam para amenizar as angústias daquela mãe preta que se afundava em loucura, ambição e bebida. Das Dores, que um dia teve dois pais, pai preto e pai branco, uma casa e família de repente não tinha mais nada, apenas a dor e a promessa vinda da sua maior pureza para quitar a loucura de sua mãe. Simba, num ato agressivo e preciso de homem macho, desflora a flor da dor, enquanto ela, inutilmente, chama pelo pai. Ali, tudo se perde. É o início do resto daquela vida de lamúrias antecipada pelos ancestrais. O destino que Delfina forja para sua filha não passa impune: Maria Jacinta renega a mãe, a quem culpa pelo destino da irmã. Sai de casa levando os irmãos e se deixam

aos cuidados dos padrinhos brancos. Eles cuidam da vida daqueles órfãos de pai e mãe vivos e a vida se desenvolve longe da mãe. Ela não reconhece em nenhum minuto sua fraqueza e a loucura a vai consumindo aos poucos. Ergue um lar de femininas camélias a serem desfloradas em troca de algumas moedas e caprichos. No seu lar de desfloramentos, criam-se novas raças e novos destinos e o ouro volta a correr em suas mãos de Delfina. A “Madalena negra” (CHIZIANE, 2018, p. 281) tenta a reconciliação no dia do casamento de Jacinta e revê seus filhos num bonito retrato no altar, com a ausência de Maria das Dores, que tornaria tudo completo nos olhos daquela mãe-perdiz-perdida. O perdão só seria possível com o regresso de Das Dores pelas mãos da mãe, conforme prometido por Jacinta no dia em que saiu de casa. Mas a inesperada crueza da sua doce menina branca espelhava nela o seu próprio plantio.

De onde vinha aquela coragem, aquela frieza de Jacinta? Vinha de Delfina, que lhe ensinara no berço a lição da diferença. Na canção de embalar dizia que a humanidade tinha raças. Que as raças tinham estigmas, extratos, catálogos. Aquela coragem vinha do ódio das suas origens. Da necessidade de afirmar e do prazer de magoar. Da urgência de romper o cordão umbilical com as suas origens e o seu passado. Da necessidade de apagar Delfina do seu caminho. Da necessidade de prevenir o futuro. Afastar um possível problema, podia ser que o marido branco não gostasse de ter uma sogra preta. (CHIZIANE, 2018, p. 285)

Os pensamentos de Delfina aos poucos a vão definhando. Delfina definha, por dentro e por fora. Dá-se conta das mágoas que causou e da desproteção que deixou os filhos. A ambição infundável chega ao fim em algum momento. Como num transe, a mãe descortina sua vida a partir da rejeição da sua filha dos sonhos ao pé do altar. E apenas então ela confirma que suas crenças ancestrais foram buscadas, antes mesmo do encontro com os outros três filhos, numa preparação para um não mais provável encontro final. Em resposta ao clamor primeiro de sua primogênita, Delfina dialoga num além tempo-espaço com Maria das Dores em busca de remissão:

Ah, Maria das Dores. Percorri vales e montanhas com a planta do pé. Varri paisagens com as antenas dos meus olhos. Falei com as ondas e desesperei. Arranquei confissões disparatadas em búzios falantes das pitonisas. Disseram que estavas viva e eu caminharia emocionada ao teu encontro. Nada disso serviu. Nem esperança, nem desespero, nem velas acesas aos santos, nem sacrifícios de sangue de galinhas para os mortos. Passaram mais de vinte ano e nada aconteceu. Uma coisa te digo. Eu não quero morrer antes do teu regresso. [...] Aprendi com a gravidez de Marias das Dores que a eternidade da mulher dura nove meses de espera. (CHIZIANE, 2018, p. 292-293)

As desgraças e o escárnio das pessoas com a infelicidade de Delfina, suas perdas, sua casa quebrada e queimada, tudo isso doía menos que a perda dos filhos e o remorso do destino de Das Dores. A esperança depois de vinte e cinco anos sem notícias da filha chegava ao seu fim. A filha negra continuava a vagar pelo vilarejo que a acolheu, sem história nem memória. Sua memória ancestral desperta num ímpeto de loucura. Ela era chamada pelos residentes daquele lugar de “a louca”, já que suas frases eram desconexas e suas atitudes fantasmagóricas. A partir da afirmação Pessanha: “para alguém enlouquecer (...) é preciso um longo exercício de abandono, desafinação e desajuste de dádivas”. (PESSANHA, 2018, p. 72), pode-se dizer que ela estava realmente louca, acometida de todos os desajustes impeditivos para transformar a criança-oca de que fala Pessanha em criança-completa. Maria das Dores e Delfina, crianças-ocas desamparadas num mundo que impunha sua cor e suas crenças aos dias dos verdadeiros donos daquelas terras. A colonização deixou marcas profundas nas peles e no pensamento como o grito de Césaire a ecoar – “Chega de colonialismo!” (CÉSAIRE, 2020, p. 51) daqueles que a quem ela foi imposta. As crenças existentes de um povo foram dilaceradas e substituídas. O que era ancestralidade tornou-se perverso, bruxesco. A constituição familiar de família nuclear eurocêntrica, “modelo alienígena, estrangeiro em África” (OYEWÙMÍ, 2019, p. 171), foi demonstrada como modelo obrigatório de sociedade e Delfina almejou para si aquela construção. Num momento em que Maria das Dores estava num ápice de

loucura, desconstruindo suas formações estruturais, a imagem de um Cristo negro lhe aparece pendurada.

A louca para na sala de jantar do padre. Olha para a parede. Vê um crucifixo pendurado com um Cristo negro sangrando pelas chagas. [...] Descobre-lhe muita coisa anormal. Um nariz gordo, de preto. Narinas do tamanho de búzios. Lábios do tamanho das conchas marinhas. [...] Se ele não era preto, para quê pintá-lo? Desvia os olhos. Esperava ver um Cristo branco e não negro. Um rei e não um bantu. Tudo aquilo destoava com tudo o que aprendera. (CHIZIANE, 2018, p. 300)

A desconstrução das crenças que lhe foram ensinadas vem acompanhada da descoberta de um tesouro. O tesouro que ela procurava há “vinte e cinco anos de marcha descalça” (CHIZIANE, 2018, p. 302) estava diante de seus olhos: seus filhos, o pai e o marido, de quem fugiu e quem a auxiliou a voltar a si. A família de onde veio e a que ela construiu. O padre, o doutor, o cozinheiro e o curandeiro; o que rezava pelas chagas da alma, o que cuidava das chagas do corpo, o que alimentava a fome do corpo e o que recolhia a ancestralidade de um povo; os pilares que compõe a humanidade. Maria das Dores escorria mel pela boca, os pássaros do amanhecer cantavam gurué, gurué, todos retrocederam no tempo. Porém, José dos Montes sabia que não poderia haver momento completo sem Delfina. O reencontro de amor e ódio e a descoberta do eterno “sol que vive dentro deles” (CHIZIANE, 2018, p. 315) e a descoberta de que a palmeira é uma mulher, confluem para o perdão há tanto tempo aguardado e a aceitação de um destino que precisou ser torto e arder, para chegar fortalecido ao fim. Delfina guardou, como uma feiticeira do tempo e do destino, todas as joias que recolheu para pagar a dívida de Maria das Dores e resgatá-la: “Aprendera com os comerciantes asiáticos a guardar a fortuna debaixo da cama guarnecida por um cobra preta, venenosa, domesticada para matar os intrusos que tentassem apoderar-se do seu patrimônio.” (CHIZIANE, 2018, p. 314). O passado e o presente, a origem e o fim unem-se finalmente, para libertar daquelas almas, as dores da escravidão e da solidão:

Somos fazedores de chuva e guardiões da água – explica José dos Montes – Comandantes da trovoadas. Nascemos ao canto das perdizes, gurué, gurué! Construíamos nas cavernas. Agricultávamos os cereais com cornos de antílope. Dos ossos longos das gazelas fazíamos os cachimbos para o tabaco dos nossos guerreiros. Vieram os brancos e fomos apanhados como ratos. Escravizaram-nos. (CHIZIANE, 2018, p. 324-325)

E AINDA:

A morte e o luto desocuparam a terra, no ar governam os alegres cantos das perdizes, gurué, gurué! A escravatura acabou e não voltará nunca mais! Somos independentes. Vencemos o colonialismo. O palmar também viverá. Vencerá! (CHIZIANE, 2018, p. 329)

José dos Montes incorpora, pela idade e por tudo o que passou, a arte de aconselhar e de fortalecer a ancestralidade da sua comunidade, aquela mesma arte que tirou de Moyo a força; o castigo por aquele crime seria viver para perpetuar os saberes ancestrais. O encontro de almas decolonizadas traz a boa nova de um retorno às origens. As águas resgatam os espíritos perdidos pelos caminhos e Marias da Dores faz chover seus olhos. Delfina encontra a paz de ave noturna no silêncio do gurué. Sua caminhada havia encontrado propósito, enfim. A mirada através das águas, o espelho da alma, para o reencontro dessas vidas simboliza tantas mulheres que tem com o tempo, duros entraves. Para tanto, as palavras de Conceição Evaristo em seu poema “*Na mulher, o tempo...*” dialoga com essas mulheres de Paulina Chiziane, mulheres de vidas perpassadas pelos vaivéns incertos da vida.

Na mulher, o tempo...

A mulher mirou-se no espelho do tempo.
mil rugas (só as visíveis) sorriram,
perpendiculares às linhas
das dores.
Amadurecidos sulcos

atravessavam o opaco
e o fulgor de seus olhos
em que a íris, entre
o temor e a coragem,
se expunha
ao incerto vaivém
da vida.

A mulher mirou-se no espelho de suas águas:
– dos pingos lágrimas
à plenitude da vazante.
E no fluxo e refluxo de seu eu
viu o tempo se render.
Viu os dias gastos
em momentos renovados
d'esperança nascitura.
Viu seu ventre eterno grávido,
salpicado de mil estrias,
(só as contáveis estrelas)
em revitalizado brilho.

E viu que nos infindos filetes de sua pele
desenhos-louvores nasciam
do tempo de todas as eras
em que a voz-mulher
na rouquidão de seu silêncio
de tanto gritar acordou o tempo
no tempo.

E só,
só ela, a mulher,
alisou as rugas dos dias
e sapiente adivinhou:
não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos,

ele se guardou de uma mulher
a outra...

E só,
não mais só,
recolheu o só
da outra, da outra, da outra...
fazendo solidificar uma rede
de infinitas jovens linhas
cosidas por mãos ancestrais
e rejubilou-se com o tempo
guardado no tempo
de seu eternizado corpo.

Referências bibliográficas:

CESAIRE Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

_____. *Teoria Feminista: da margem ao centro*. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceitualizando gênero: a fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. In: Bernardino-COSTA, Joaze. Maldonado-TORRES, Nelson. GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.